



XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares
VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e Práticas Educativas

IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo

"EU ESCREVO PARA UM MUNDO NO QUAL POSSA VIVER": criações docentes e reinvenções curriculares

Lorena Azevedo do Carmo (UNIRIO)

TRANSBORDAR PESQUISA: O conto da aia em diálogo na/com a formação de professores.

Resumo: Este trabalho analisa a obra O Conto da Aia de Margaret Atwood, destacando-a como uma reflexão crítica sobre os patriarcados na sociedade contemporânea. Além de explorar a distopia como um reflexo distorcido do presente, onde as violências patriarcais são amplificadas e examinadas, o estudo utiliza conceitos de Hilário (2013) e Butler (2018) para investigar como essas estruturas de poder não só oprimem mulheres, mas também permeiam currículos educacionais e práticas pedagógicas. A metodologia envolveu a realização de oficina com estudantes de formação de professores, como um dispositivo para reflexão crítica sobre gênero, poder e resistência. A análise das experiências dos participantes revelou opressões estruturais e estratégias de sobrevivência, destacando a importância de promover diálogos sobre violência patriarcal nas práticas educativas. Os resultados esperados visam desafiar e transformar currículos patriarcais, promovendo uma educação mais inclusiva e resistente às normas opressivas que perpetuam desigualdades.

Palavras-chave: O conto da aia. Currículo. Patriarcados. Oficinas. Formação de professores.

TO OVERFLOW RESEARCH: The Handmaid's Tale in Dialogue with Teacher Education.

Abstract: This paper analyzes Margaret Atwood's work The Handmaid's Tale, highlighting it as a critical reflection on patriarchies in contemporary society. In addition to exploring dystopia as a distorted reflection of the present, where patriarchal violences are amplified and examined, the study utilizes concepts from Hilário (2013) and Butler (2018) to investigate how these power structures not only oppress women but also permeate educational curricula and pedagogical practices. The methodology involved conducting workshops with pre-service teachers as a tool for critical reflection on gender, power, and resistance. Analysis of participants' experiences revealed structural oppressions and survival strategies, emphasizing the importance of fostering dialogues on patriarchal violence in educational practices. The expected outcomes aim to challenge and transform patriarchal curricula, promoting a more inclusive education resistant to oppressive norms that perpetuate inequalities.

Keywords: The Handmaid's Tale. Curriculum. Patriarchies. Workshops. Teacher education.

DESBORDAR LA INVESTIGACIÓN: El cuento de la criada en diálogo con la formación de profesores.

Resumen: Este trabajo analiza la obra El cuento de la criada de Margaret Atwood, destacándola como una reflexión crítica sobre los patriarcados en la sociedad contemporánea. Además de explorar la distopía como un reflejo distorsionado del presente, donde las violencias patriarcales son amplificadas y examinadas, el estudio utiliza conceptos de Hilário (2013) y Butler (2018) para investigar cómo estas estructuras de poder no solo oprimen a las mujeres, sino que también permeian los currículos educativos y las prácticas pedagógicas. La metodología implicó la realización de



João Pessoa - Paraíba, 25, 26 e 27 de setembro de 2023



XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares
VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e Práticas Educativas

IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo

“EU ESCREVO PARA UM MUNDO NO QUAL POSSA VIVER”: criações docentes e reinvenções curriculares

talleres con estudiantes de formación de profesores, como un dispositivo para la reflexión crítica sobre género, poder y resistencia. El análisis de las experiencias de los participantes reveló opresiones estructurales y estrategias de supervivencia, subrayando la importancia de fomentar diálogos sobre la violencia patriarcal en las prácticas educativas. Los resultados esperados buscan desafiar y transformar currículos patriarcales, promoviendo una educación más inclusiva y resistente a las normas opresivas que perpetúan desigualdades.

Palabras clave: El cuento de la criada. Currículum. Patriarcados. Talleres. Formación de profesores.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é o transbordar de pesquisa de tese concluída, que não se esgotou em sua defesa. Ao contrário, viabilizou muitas conversas em um caminhar por trajetos de questionamentos, hipóteses e mudanças, pois são trajetos ontológicos do fazer pesquisa. É a partir do entendimento de distopia como uma criação do tempo presente, e não um futuro com possibilidades aterrorizantes, que entrelaço acontecimentos de dentro e fora da história de Margareth Atwood, *O conto da aia*, para construir minha própria narrativa. Durante esta trajetória, venho tecendo, também, entendimentos sobre os patriarcados e como estes nos atravessam cotidianamente, inclusive, dentro dos currículos da/na formação de professores a partir de recortes oriundos das Provas Platôs realizadas em oficinas também intituladas *O conto da aia*.

Entendo a distopia a partir da pesquisadora Hilário, que afirma: “Etimologicamente, distopia é palavra formada pelo prefixo *dis* (doente, anormal, dificuldade ou mal funcionamento) mais *topos* (lugar)” (2013, p. 205), compreendo, portanto, que *topos* é lugar, um espaçotempo, de modo que a distopia é o nosso tempo olhado a partir de um lugar diferente, pois ainda de acordo com a autora o gênero da distopia é “[...]em particular, [...] como dispositivo de análise radical da sociedade” (2013, p 201).

Logo, desenvolvo que *O conto da aia* esgarça as violências patriarcais direcionadas, principalmente, contra as mulheres. É como uma lupa que amplia o que já vem acontecendo há muito tempo na história da humanidade, que utiliza o absurdo de sua própria condição para chocar, barbarizar e chamar atenção às camadas de violências que atacam com diferentes potencialidades cada indivíduo ou grupo.

Importante destacar que a obra referenciada foi escrita na década de 80 e, por ter como cenário os Estados Unidos da América (EUA), neste período o país contava com um vigoroso movimento



João Pessoa - Paraíba, 25, 26 e 27 de setembro de 2023



XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares
VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e Práticas Educativas

IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo

“EU ESCREVO PARA UM MUNDO NO QUAL POSSA VIVER”: criações docentes e reinvenções curriculares

feminista (Parucker, 2018) que denunciava as desigualdades de gênero e tinham como resposta de grupos políticos reacionários a promoção de um antifeminismo. Essas ações antifeministas são apresentadas por Parucker ao afirmar que:

Nos EUA, por exemplo, foram criadas redes de televisão cristãs cujo foco da programação eram os “valores familiares tradicionais.” Posicionavam-se contra o aborto, a libertação sexual das mulheres, o divórcio, o feminismo, a homossexualidade. Sob a égide desses valores, ativistas políticos que se diziam “a favor da família” atacavam movimentos feministas, alegando que a emancipação das mulheres estaria libertando-as da liderança de seus maridos e destruindo a família tradicional. Neste contexto, muito se dizia sobre um suposto “papel da mulher” e uma necessidade de preservação de valores tradicionais da família, bem como da natureza das relações entre homens e mulheres. (Parucker, 2018, p. 67).

Dentro da obra, a distopia que se entende por um mundo desfocado ou, comumente, um futuro próximo, criou-se um país chamado República de Gilead, antigo EUA. Uma sociedade patriarcal e fundamentalista, onde as taxas de natalidade estavam em declínio e a humanidade encontrava-se a beira da extinção, proveniente de cataclismas, guerras, poluições, doenças dentre outras mazelas. É em meio as incertezas da humanidade que discursos escatológicos e fascistas ganham força, e as promessas de solução entram em evidência, uma vez que discursos sobre a ira de Deus estar causando todos os males ganham credibilidade frente a catástrofe.

A partir de uma ideologia cristã fundamentada no Antigo Testamento, os Filhos de Jacó, um grupo de homens interessados na tomada do poder político e na derrocada da democracia, fundam a República de Gilead, através de uma série de ataques aos principais órgãos e símbolos da democracia estadunidense. Tendo como premissa a suspensão da Constituição de maneira temporária para cuidar do país, que supostamente vinha sofrendo com ataques terroristas, os filhos de Jacó defendem medidas extremas até a consolidação do novo estado teocrático. É com o desenvolvimento desse quadro político que posteriormente, estes homens, abrem espaço para uma nova ordem social, fundando uma classe própria: os Comandantes.

EM QUAL GILEAD SE PODE VIVER?

Gilead traz um modelo de segurança que adota a morte como política, definindo quem deve ou não morrer, é a corporificação/representação/ilustração do que Mbembe chama de necropolítica, “[...] formas contemporâneas que subjugam a vida ao poder da morte” (2016, p. 146). Logo, se vale



João Pessoa - Paraíba, 25, 26 e 27 de setembro de 2023



XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares
VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e
Práticas Educativas

IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo

“EU ESCREVO PARA UM MUNDO NO QUAL POSSA VIVER”: criações docentes e reinvenções curriculares

dos controles e das garantias de suas próprias leis, tornando-se uma zona onde a violência do estado de exceção atua a serviço da civilização quase em extinção.

Dentro do cenário de incertezas do mundo de Atwood, o medo e o ressentimento também mobilizaram os cidadãos uns contra os outros. Os grupos minoritários e, principalmente, as mulheres foram apontadas como ameaça diante da baixa natalidade e, a história da humanidade já nos mostrou que em períodos de medo em relação à procriação, a sexualidade feminina é aprisionada por homens.

[...] quando o crescimento populacional se tornou uma preocupação social fundamental durante a profunda crise demográfica e com a escassez de trabalhadores no final do século XIV, a heresia passou a ser associada aos crimes reprodutivos, especialmente à “sodomia”, ao infanticídio e ao aborto (Federici, 2017, p. 79).

Todavia, as políticas fascistas e suas soluções, como no caso de Gilead, para impedir a extinção da humanidade através da obediência religiosa, não sustentam os alicerces que constroem, pois propõe a morte, o que não atinge apenas as minorias, porque vulnerabiliza o que já está vulnerabilizado, ou seja, toda a humanidade, porém uns são mais vulnerabilizados que os outros.

É apoiada em Judith Butler (2018) que teço ideias para compreender as diversas formas de violências que atravessam as vidas cotidianamente, assumindo com a autora a precariedade como algo inerente à condição humana. O que implica uma precarização ontológica que vai além das normas opressivas.

A precariedade é a rubrica que une as mulheres, os queers, as pessoas transgêneras, os pobres, aqueles com habilidades diferenciadas, os apátridas, mas também as minorias raciais e religiosas: é uma condição social e econômica, mas não uma identidade (na verdade, ela atravessa essas categorias e produz alianças potenciais entre aqueles que não reconhecem que pertencem uns aos outros). (Butler, 2018, p. 59).

A autora propõe a ideia de que a existência das pessoas é precária devido às normas sociais e políticas que determinam quem é reconhecido como humano e digno de consideração. Ela argumenta que essas normas são socialmente construídas e podem resultar na exclusão de certos grupos com base em características como gênero, raça, classe social e orientação sexual. A precarização ontológica sugere que a condição de precariedade não é algo externo ou contingente, mas sim profundamente enraizada na estrutura da sociedade e na forma como as identidades são concebidas e validadas.



João Pessoa - Paraíba, 25, 26 e 27 de setembro de 2023



XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares
VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e Práticas Educativas

IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo

“EU ESCREVO PARA UM MUNDO NO QUAL POSSA VIVER”: criações docentes e reinvenções curriculares

Dialogando com a historiografia e refletindo sobre a precariedade ontológica, emerge a possibilidade de considerar testes e desenvolvimentos de diferentes tecnologias de dominação. Neste contexto, embasada em Lerner (2019), identifico essas práticas como raízes dos patriarcados, visando subjugar as vidas. Ao longo do tempo, essas formas opressivas têm evoluído, aprimorando-se como verdadeiras *tecnologias de morte* (Carmo, 2024). É importante reconhecer que essas dinâmicas continuam a afetar as vidas das pessoas na sociedade contemporânea, especialmente em meio às atuais lutas por igualdade e justiça social.

A hipótese de Gerda Lerner (2019) sugere que a dominância e hierarquia masculina tiveram início com a subjugação das mulheres dentro do próprio grupo. Eles perceberam que os seres humanos poderiam tolerar a escravidão, assim como as mulheres inicialmente toleraram. Consequentemente, desenvolveram técnicas cada vez mais refinadas, que compreendo como formas de tecnologia.

A concepção de tecnologia aqui apresentada visa ampliar as múltiplas formas de opressão que permeiam o sistema patriarcal na sociedade, influenciando os corpos de maneiras diversas. Esta reflexão reconhece que as violências se manifestam de maneiras distintas em cada indivíduo, adaptando-se aos diferentes contextos temporais e espaciais em que estão inseridos.

Entrelaçando os patriarcados e a hipótese das tecnologias como linhas fluidas que delimitam e posicionam as pessoas dentro de uma estrutura em constante movimento, reconheço-os como forças em fluxo, moldadas pelos aspectos presentes. Como observado por Sússekind, Merladet e d'Avignon (2022), as linhas do heteropatriarcado, colonialismo, capitalismo e fundamentalismos geram contínuos epistemicídios, desumanizando indivíduos e legitimando sua marginalização e até mesmo sua aniquilação. Não é possível medir ou definir de forma estática onde as pessoas se encontram em meio às violências ou dinâmicas sociais cotidianas dentro desse sistema.

No contexto da reflexão sobre os patriarcados, também se faz necessário pontuar que a violência não tem ator ou atores certos, porque ela também pode ser praticada por mulheres. Então, mulheres brancas também sofrem violências e violentam-se entre si, é isto que os patriarcados nos pedem em troca de privilégios, proteção (LERNER, 2019), pois, “ser membro de um grupo explorado não torna ninguém mais inclinado a resistir. Se assim fosse, todas as mulheres [...] teriam tido vontade de participar do movimento e mulheres” (hooks, 2020, p. 137-138).

A responsabilidade conjunta, em que mulheres monitoram e vigiam umas às outras constantemente, resulta em uma “proliferação de tecnologias disciplinadoras” (Federici, 2022, p. 124). Em outras palavras, os patriarcados se utilizam da vigilância e das punições para expandir suas



João Pessoa - Paraíba, 25, 26 e 27 de setembro de 2023



XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares
VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e Práticas Educativas

IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo

“EU ESCREVO PARA UM MUNDO NO QUAL POSSA VIVER”: criações docentes e reinvenções curriculares

raízes. No entanto, apenas a vigilância e as punições não são suficientes para controlar as desobediências. Diariamente, as vidas em regimes autoritários, como Gilead, encontram maneiras de escapar pelas frestas, recriando, reinventando e burlando as expectativas e normas impostas (Certeau, 2020). Os patriarcados não contam com as alianças subversivas que surgem no meio do caminho.

As mulheres de/em Gilead enfrentam situações de opressões diferenciadas, elas (re)criam, burlam e usam táticas para sobreviverem em cotidianos em que as violências se sobrepõem. Esses conhecimentos, formas de fazer e estar, são saberes femininos aprendidos e compartilhados entre essas mulheres, como forma de sobreviver. Para percebermos as pistas que essas mulheres nos deixam, como migalhas no chão a serem seguidas, se faz necessário “[...] examinar os pormenores mais negligenciáveis.” (Ginzburg, 1989, p.144), pois as pessoas se utilizam de táticas para sobreviver e *vencer nos pequenos golpes que operam* (Certeau, 2020), ou seja, eu escavo as histórias e revelo indícios para investigar as formas de domínio dos patriarcados, suas opressões e até mesmo suas reviravoltas.

Em meio às opressões que as mulheres enfrentam, é importante ressaltar que elas também constroem alianças que, ultrapassando as fronteiras coloniais, podem surgir a partir de uma experiência comum e do interesse em compartilhar saberes femininos, saberes subversivos de sobrevivência. Além de utilizar essa prática como forma de sobrevivência, as mulheres criam alianças cotidianas que atacam de maneira ainda mais forte os patriarcados.

Dou maior destaque as mulheres em minha escrita, porque é a dor que mais sinto, porém não pretendo aqui diminuir ou anular outras dores, dores também de homens que nascem e crescem em lares violentos e precisam ser “Homens” com H maiúsculo. Estamos todos atravessados, no campo das opressões, e é muito difícil não cair na armadilha de perpetuar tanto ódio e ressentimento.

1.1 O conto da aia e os cotidianos nas salas de aula

Comecei a realizar a oficina "O conto da aia" durante o meu mestrado no primeiro semestre letivo de 2021. Devido ao período pandêmico, a oficina foi realizada de forma remota, acontecendo de junho a outubro. Elaborei a oficina para ocorrer ao longo de dois dias para cada uma das duas turmas de formação de professores da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, junto com a minha orientadora Maria Luiza Sússekkind e outras convidadas que participaram da atividade. Disponibilizamos os mesmos materiais da narrativa utilizados nesta pesquisa (livro, filme



João Pessoa - Paraíba, 25, 26 e 27 de setembro de 2023



XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares
VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e Práticas Educativas

IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo

“EU ESCREVO PARA UM MUNDO NO QUAL POSSA VIVER”: criações docentes e reinvenções curriculares

e série), além de uma unidade de estudos sobre currículos de gênero que incluiu diversos autores como William Pinar, Marcio Caetano e Sara Wagner York, esta última foi uma das convidadas na oficina, mais precisamente no segundo dia em que conversamos sobre existências trans/travestis em um ‘Cistema’ heteropatriarcal.

Para meu trabalho no doutorado, adaptei a organização da oficina em diálogo com os estudantes, condensando-a em um único dia. Agora, a partir de uma apresentação inicial de imagens que estabelecem conexões com a narrativa de Atwood, utilizando capturas de tela de celulares com notícias, charges, vídeos com cenas recortadas da série, entre outros recursos, meu objetivo foi provocar e amplificar as violências retratadas tanto na distopia quanto nos contextos do dia a dia. Este trabalho foi realizado ao longo dos dois semestres de 2022, em formato presencial, uma vez que as atividades acadêmicas retornaram após vacinação.

No atravessamento nas/das práticas cotidianas em sala de aula, investir na oficina O conto da Aia e na realização da Prova Platô apresentou-se como mecanismo para refletir e capturar com/sobre os patriarcados que venho estudando e vivenciando. Os patriarcados, o conto da aia e os currículos são temas presentes nos cotidianos, possibilitando conexões teórico-epistemológicas. Ou seja, a prática das oficinas foi um mecanismo de refletir sobre o que venho estudando e a maneira como as opressões se fazem presentes nos currículos de cada turma que vivenciei.

Foi a partir das oficinas e das provas platôs (Süssekind, Carmo, Nascimento, 2020), em que tensionei os conhecimentos sobre patriarcados, capitalismo, racismos, misoginia, etc., que pude escavar as violências e as existências resistentes. Apareceram denúncias que falavam sobre a falta de segurança dentro de casa e também dos assédios nas ruas. Dos racismos que subjulgavam os corpos.

Eu objetivava falar sobre as violências na distopia e fazer relações com a vida cotidiana, mas adentrei em muitas vivências singulares e coletivas. A conversa é complicada (Pinar apud Süssekind, 2014) por isso mesmo... Vivências que talvez estivessem em segredo devido a dor que causavam, ou devido a vergonha que causavam. Os patriarcados também nos violentam com a vergonha.

Uma vez estava na van voltando para casa do trabalho c/ o meu grupo de amigos, quando um segurança do trabalho que também estava na van atrás de mim começou a fazer gestos obscenos e uma amiga teve que intervir dizendo que minha calça estava suja, para que o mesmo “se toca-se”, até que eu pudesse sair da visão dele. (Prova Platô 2022.1 – vespertino, p. 22).

Agora meu relato, uma vez estava andando na rua quando um homem do nada apertou o meu seio quando passou do meu lado. Na hora eu não tive reação pois ele



João Pessoa - Paraíba, 25, 26 e 27 de setembro de 2023



XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares
VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e
Práticas Educativas
IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo
“EU ESCREVO PARA UM MUNDO NO QUAL POSSA VIVER”: criações
docentes e reinvenções curriculares

rapidamente foi embora. Sempre é uma história, sempre é só uma notícia, sempre há uma opinião, até acontecer com você. (Prova Platô 2022.1 – vespertino, p. 22).

A Prova Platô é uma forma de capturar conhecimentos que sempre estiveram presentes. A existência humana frente às estruturas sociais se movimenta e desafia, especialmente diante de sistemas patriarcais, onde a resistência é uma forma de sobrevivência e desobediência. Ao observar esses currículos de resistência, também reconheço a presença de currículos patriarcais e colonizadores, ao mesmo tempo em que reconheço os diversos deslocamentos que dão origem a outras existências, narrativas e possibilidades.

Li o artigo pela manhã no metrô e fiquei um pouco confusa com tantas informações, mas ao assistir a explicação da Lorena, sobre “O Conto da Aia”, ao qual já tinha ouvido falar como uma série. Após ver as imagens, fiquei muito mexida e incomodada com as fotos, pois são feridas expostas de formas bem impactantes. (Prova Platô 2022.2 – vespertino, p. 13).

O conto de Aia me fez ter medo, medo de que os poucos privilégios que nós mulheres temos conquistado através de toda a luta através de todos esses anos, seja destruído em 1 só dia, medo de nosso maior medo se realizar, o medo de vivenciar todas as torturas que nossas antepassadas sofreram, para que nós hoje, pudessemos estar no lugar que estamos e desejando e lutando para que possamos conquistar ainda mais direitos, pensando nas nossas mulheres do amanhã. (Prova Platô 2022.2 – vespertino, p. 10)

Quando entro na sala de aula e reconheço os estudantes como criadores de conhecimento, estou convidando as existências subversivas para participar da complexa conversa que é o currículo. Nesse sentido, adotar o entendimento do currículo como a conversa complicada de Pinar (apud Sússekind, 2014) significa pensar além da simples produção e valorização dos conhecimentos tradicionais. É compreendê-lo como uma construção contingente de políticas que podem suprimir identidades e suas manifestações.

Portanto, defendo que as existências não se ausentam das salas de aula, mesmo quando os mecanismos de controle patriarcal tentam silenciá-las. Reconheço também que a produção científica é sempre situada historicamente e atravessa as histórias de vida e experiências singulares e coletivas das pessoas. Num enfoque cotidiano, inspirado nos estudos nosdoscum, examino as complexas conversas registradas nas provas platô e na oficina O conto da aia.

Minha escrita é criação de currículos, em uma busca por um outro fazer da pesquisa que valorize os diferentes saberes e modos de ser e estar no mundo estando a esperança na força de trabalho, nos projetos e oficinas, nos espaços que crio coletivamente na universidade. Compartilhar



João Pessoa - Paraíba, 25, 26 e 27 de setembro de 2023



XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares **VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e Práticas Educativas**

IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo

“EU ESCREVO PARA UM MUNDO NO QUAL POSSA VIVER”: criações docentes e reinvenções curriculares

minha vulnerabilidade e relacionar com os traços e lutas de existências nas oficinas, nas provas platôs, por exemplo, reitera a impossibilidade de contenção da vida e deixa de florear as desigualdades com falas de “fulano conseguiu” para esgarçar que até as opressões são distribuídas de forma desigual na sociedade, porque a força dos patriarcados é a sua plasticidade e as alianças que forma com o colonialismo, racismo, misoginia, etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha intenção neste trabalho não é criar um conhecimento libertador capaz de superar o sistema patriarcal, muito menos capaz de salvar o mundo, entretanto, venho buscando outras formas de diálogo e de se fazer pesquisa capaz de valorizar os saberes que não são pontuados como essenciais em documentos normativos oficiais, por exemplo, pois estes buscam apagar as diferenças quando tentam homogeneizar tantas vidas. Resistir, burlar e criar é sobreviver, porque Gilead está em todos os lugares, em todos os tempos.

Na tentativa de resistir ao ódio, busco outras perspectivas e possibilidades que nos direcionem a solidariedade para não apenas sobreviver, mas, viver, em tempos em que a diferença tem sido perseguida por movimentos ultraconservadores.

Um ódio narcísico, que abomina a pessoa outra, diferente – judias, mulheres, travestis, negras, pobres, pessoas LGBTIs, comunistas, professoras que formam crianças viadas (MOURA, SALLES, 2018), professoras incompetentes, marajás, mulheres que ousam exercer cargos na política, corruptas, putas e, ainda, às professoras em geral (PENNA, 2015). (Süssekind, Gonçalves Júnior, Oliveira, 2020, p. 114).

Defendo que as práticas pedagógicas podem ser utilizadas como ferramentas para refletir e capturar as dinâmicas dos patriarcados presentes na sociedade, destacando a importância de ajustar as lentes de pesquisa para analisar os cotidianos escolares e reconhecer as práticas opressoras que permeiam o ambiente educacional.

Na busca por promover o respeito às identidades e suas produções ao compartilhar vivências e experiências com os estudantes, evidencia-se a importância de reconhecer a existência de resistências dentro do ambiente de formação bem como os currículos patriarcais e colonizadores que ainda persistem. Reconhecer os currículos patriarcais e colonizadores é um passo importante para desafiar e transformar essas estruturas em direção a uma educação mais acolhedora.



João Pessoa - Paraíba, 25, 26 e 27 de setembro de 2023



XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares
VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e Práticas Educativas

IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo

“EU ESCREVO PARA UM MUNDO NO QUAL POSSA VIVER”: criações docentes e reinvenções curriculares

A conexão entre os patriarcados, o conto da aia e os currículos é uma forma de promover conexões teórico-epistemológicas, ou seja, ligando teoria e conhecimento à prática educacional do dia a dia, porque não são falas ou escritas soltas, descoladas das nossas vivências cotidianas. Também não surgiu com o governo Bolsonaro ou está relegado a Gilead. São construções históricas que se perpetuam e se modificam no decorrer do tempo, porque as práticas opressoras são tecnologias para manter as pessoas em posições de subordinação.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa da assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. Pp. 29-68.
- CARMO, Lorena Azevedo do. Quebrando os patriarcados com o Conto da Aia: vivências e experiências de uma professora. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes. Vol.1,5ª reimpressão, 2020
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.
- FEDERICI, Silvia. **Reencantando o mundo**: feminismo e a política dos comuns. Tradução: Coletivo Sycorax São Paulo: Elefante, 2022.
- GINZBURG, Carlo. SINAIS: Raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, Emblemas e Sinais**. GINZBURG, Carlo. São Paulo: Cia Letras, 1989. p. 143-179
- HILÁRIO, Luciana Carvalho. Teoria crítica e literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. Anuário de Literatura: Publicação do Curso de Pós-Graduação em Letras, Literatura Brasileira e Teoria Literária, v. 18, n. 2, p. 201-215, 2013. Disponível em: <https://www.sumarios.org/artigo/teoria-cr%C3%ADtica-eliteratura-distopia-como-ferramenta-de-an%C3%A1lise-radical-da-modernidade>. Acesso em: 01 out. 2021.
- HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução: Bhuvi Libanio. 13ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.
- LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.
- MBEMBE, Achille. Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. **Arte & Ensaios: Revista do PPGAV/EBA/UFRJ**, n. 32, p. 123-151, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>. Acesso em: 20 abr. 2021.
- PARUCKER, Isabela Gomes. “Vivíamos nas lacunas entre as histórias”: ficção, história e experiência feminina em *The Handmaid’s Tale*, de Margaret Atwood. 2018. 142 f. Dissertação (Mestrado em História)—Universidade de Brasília, Brasília, 2018.





XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares
VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e
Práticas Educativas

IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo

"EU ESCREVO PARA UM MUNDO NO QUAL POSSA VIVER": criações docentes e reinvenções curriculares

PROVA PLATÔ. arquivo de pesquisa: turma currículo matutino. 1º semestre. 2022.

PROVA PLATÔ. arquivo de pesquisa: turma de currículo vespertino. 2º semestre. 2022.

SÜSSEKIND, Maria Luiza. **Quem é William F. Pinar?**. Petrópolis: de Petrus Et Alii, 2014.

SÜSSEKIND, Maria Luiza; MERLADET, Fabiana Alves Duarte; D'AVIGNON, Maria Gabriela de Souza. O fim do mundo do fim. **Revista Inter Ação**, Goiânia, v. 47, n. 3, p. 994-1008, 2023. DOI: 10.5216/ia.v47i3.74736. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/74736>. Acesso em: 31 jan. 2023.

SÜSSEKIND, Maria Luiza; CARMO, Lorena Azevedo Do; NASCIMENTO, Stephanie Duarte Láu. 'Alfinetar': currículos, ódios e gêneros. **REVISTA ESTUDOS FEMINISTAS**, v. 28, p. 1-9, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/71684/44975>. Acesso. 03 jan. 2024.



João Pessoa - Paraíba, 25, 26 e 27 de setembro de 2023